

## “A linguagem nos faz humanos”

O linguista que contraria as teses de Noam Chomsky diz que o dom da fala não é inato, mas produto das vantagens evolutivas da comunicação e dos valores culturais de cada povo

**P**rofessor da Universidade Bentley, em Boston, o americano Daniel Everett, originário do Massachusetts Institute of Technology (MIT), é um dos mais prestigiados linguistas e etnólogos do mundo. Everett passa boa parte do ano em pesquisas de campo na tentativa de obter resposta aos mistérios de como e por que o homem foi o único ser vivo a adquirir o dom da fala e decifrar que mecanismos tornaram possível a conquista da linguagem. Em seu sexto livro, *Language: The Cultural Tool* (Linguagem: a Ferramenta Cultural), que será lançado na próxima semana nos Estados Unidos, Everett define a linguagem como um artefato criado e moldado pela cultura, pela cognição e pelo instinto de se comunicar dos seres humanos. Ele conclui que a humanidade só sobreviveu em sua espinhosa caminhada evolutiva e chegou ao atual estágio civilizatório por ter conseguido se equipar com a linguagem. Suas descobertas constituem um aberto desafio à noção mais aceita até agora, de autoria de Noam Chomsky, segundo a qual a gramática, e portanto a linguagem, é um atributo físico inato do cérebro humano — teoria que coloca todo o peso da especificidade humana na genética.

**Em seu novo livro, o senhor redefine o conceito de linguagem. O que essa abordagem tem de novo?** Durante cinco décadas, os linguistas seguiram a teoria da gramática universal, concebida por Noam Chomsky. De acordo com essa teoria, a gramática e a linguagem são inatas ao ser humano e já vêm programadas no cérebro. Acho essa ideia ridícula. Nunca houve provas de que existem estruturas em nosso cérebro ou em nosso DNA que nos autorizem a dizer que a linguagem é hereditária. O célebre gene FOXP 2, que por um tempo foi classificado como o gene da linguagem e prova da gramática uni-

“No momento em que um homem raciocinou que o outro tinha uma mente igual à dele, chegou à brilhante conclusão de que ‘ele pode me entender’”



MABEL FERES

versal, tem, na verdade, múltiplas funções. Ele atua no desenvolvimento dos pulmões, dos controles dos músculos da face e define mais uma dezena de funções no organismo. O FOXP 2 tampouco é exclusivo do homem. Os ratos, alguns pássaros e outros animais têm esse mesmo gene.

**Chomsky não deve ser levado a sério?** A verdade é que Chomsky não é geneticista, nunca fez pesquisas com biologia humana. Ele pôs de pé uma suposição ilusória e sem base nas evidências científicas. É óbvio que todas as atividades humanas têm uma correspondência no cérebro. Quando alguém empunha, por exemplo, um revólver, ocorre a ativação de determinadas regiões do cérebro cuja existência e função se devem a um ou mais genes. Isso não quer dizer que nascemos com um gene para o uso de armas. Significa apenas que nos valem de nosso corpo e nosso cérebro para manipular essa ferramenta. O mesmo ocorre com a linguagem. Ela é uma ferramenta criada por nós, que foi desenvolvida com o uso da capacidade cerebral e corporal.

**Definir a linguagem como uma ferramenta e colocá-la na mesma categoria de uma arma não reduz sua complexidade?** A linguagem não é apenas uma ferramenta. Ela é a ferramenta mais importante do homem. É ela que nos faz humanos. Pela fala e, depois, pela escrita, conseguimos formular pensamentos e acumular conhecimento no decorrer das gerações. Um cachorro não pode saber como era o seu bisavô. O homem é o único ser que pode ter essa informação. Uma das maiores vantagens evolutivas da linguagem é a capacidade de reconhecer que um semelhante tem um cérebro como o nosso e pode pensar, como nós. A isso damos o nome de teoria da mente. Foi essa capacidade que nos possibilitou a comunicação. No momento em que um homem raciocinou que o outro perto dele tinha uma mente igual, chegou à brilhante conclusão de que “ele pode me entender”. Essa ideia básica, fundamental, está presente até hoje em todas as formas

“Nossas línguas são resultado de uma combinação de três fatores: a capacidade cognitiva do homem, a cultura dos povos e o que as sociedades querem comunicar. Cada uma dessas peças influencia as outras”

humanas de expressão. Foi somente a partir daí que conseguimos viver plenamente em comunidade, que criamos a filosofia e a matemática, que inventamos as demais ferramentas e nos constituímos em uma humanidade.

**Chomsky tem poder político. O senhor não receia tê-lo como desafeto?** Durante meu pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology, fui vizinho de sala de Chomsky. Até nos dávamos bem, já que eu ainda não tinha publicado minhas ideias contrárias à sua teoria. Há alguns anos, quando sua mulher morreu, mandei-lhe uma mensagem de pêsames, destacando ainda que, apesar de nossas diferenças, eu reconhecia sua importância para o mundo acadêmico. Chomsky respondeu com simpatia, agradecendo. Mas publicamente agiu com rispidez, chamando-me de charlatão em uma entrevista. Isso me marcou muito porque mostra bem que tipo de pessoa ele é. Acredito que Chomsky só tenha conseguido esse poder que tem hoje de falar o que quiser, mesmo mentiras, por sua atuação política, criticando os Estados Unidos. Graças a esse proselitismo, ganhou uma leva de seguidores, e ergueu-se um muro de defesa em

torno dele. Recebo cartas desaforadas e e-mails violentos por discordar dele. Mas não posso deixar de defender o que acho correto.

**Por que a linguagem deu origem a tantos idiomas?** Nossas línguas são resultado de uma combinação de três fatores: a capacidade cognitiva do homem, a cultura dos povos e o que as sociedades querem comunicar. Nosso corpo estabelece os limites de como nos expressamos, a cultura define como falamos e lemos e a vontade de nos comunicarmos determina o que queremos dizer. É uma relação dinâmica. Cada uma dessas peças influencia as outras.

**Como o senhor chegou a essa ideia?** Ela fica evidente ao analisarmos como são estruturadas as frases em diferentes idiomas. Uma frase em português com o verbo “dar”, ou em inglês com o correspondente, “give”, não por acaso tem três elementos: a pessoa que executa a ação, a ação e o receptor da ação. É possível somar outros elementos a esses. Em vez de dizer apenas “João deu o livro a Maria”, podemos falar “Pedro disse que seu irmão João deu o livro para a irmã de Maria dá-lo a Maria”. Na língua dos piraãs, tribo com a qual vivi na Amazônia, só a primeira frase é possível. Para esses índios, uma frase sempre se encerra em si mesma. A linguagem piraã se vale de sufixos que cancelam o grau de veracidade do que está sendo dito. São três sufixos: um informa que “eu vi isso com meus próprios olhos”, outro revela que “alguém me contou isso” e um terceiro atesta que “eu digo isso com base em evidências”. Se você perguntar a um piraã “João deu o livro para Maria?”, ele responderá “híai”. Híai não é um sim. Significa que ele ouviu de alguém que o livro foi entregue. Esse cuidado é reflexo de um valor cultural especialmente caro aos piraãs. Para eles, é indispensável que o interlocutor apresente provas do que está afirmando. Os piraãs têm outras estruturas que são resultado claro da influência da cultura. Eles não conhecem os números. Só conseguem mensurar as quantidades e

“Uma noite, na aldeia dos piraãs, ouvi um índio bêbado gritar: ‘Não tenho medo, vou matar os americanos’. Saí correndo, consegui esconder as espingardas, os arcos e as flechas e tranquei minha família em um armazém”

os volumes em pouco ou muito. Para eles, saber contar claramente não seria uma vantagem evolutiva. Identificar com precisão cada animal e árvore da floresta era decisivo e, como resultado, os piraãs desenvolveram um complexo e vasto vocabulário sobre isso.

**Que influências da cultura o senhor identificou no português falado no Brasil?** O brasileiro usa muito a palavra “jeito”, que não possui correspondente em inglês, nem na maioria das outras línguas. Um brasileiro diz: “Esse é o jeito brasileiro”. Isso não tem tradução para o inglês. Se um americano quiser dizer a mesma coisa, terá de construir uma sentença bem mais longa. A palavra “jeito” é usada com muitas outras acepções em português, que não existem em inglês. A palavra “malandragem” também requer malabarismos linguísticos complexos para ser vertida para outro idioma. Para aprender a língua de um povo, é preciso compreender sua cultura. A grande maioria dos linguistas não se dá ao trabalho de ir a campo e se satisfaz estudando documentos em seus escritórios. Dessas torres de marfim é que surgem ideias mirabolantes como as de Chomsky, sem evidências concretas a embasá-las.

**Como foi sua convivência e a de sua família com os piraãs?** Às vezes, foi conturbada. Em três ocasiões, fui ameaçado de morte. A mais séria delas se originou de minhas desavenças com um barqueiro com quem eu vinha insistindo que ele deveria pagar pelo trabalho dos índios, em vez de dar bebidas a eles em troca dos serviços prestados. O barqueiro, então, ofereceu uma espingarda nova como prêmio para o piraã que me matasse. Em uma noite ouvi um índio bêbado gritando: “Não tenho medo, vou matar os americanos”. Eu corri na direção de onde vinham os gritos e encontrei um grupo de piraãs armados de espingardas e flechas. Recolhi as armas deles. Depois, tranquei minha família em um armazém. Alguns chegaram a atirar flechas em minha casa, que foi invadida enquanto

não estávamos lá. No dia seguinte, eles vieram pedir desculpas.

**O senhor chegou ao Brasil, em 1977, como missionário evangélico. Hoje, é ateu.**

**O que o fez abandonar a fé?** Eu era ateu até os 17 anos. Vim de uma família conturbada do interior da Califórnia. Meu pai era alcoólatra, minha mãe morreu aos 29 anos e minha madrasta se matou. Eu tinha uma banda de rock e usava drogas. Nesse tempo comecei a namorar uma menina de uma família de missionários. Aos 18 anos, casei-me com ela e me converti. Passei a acreditar em tudo o que está na *Bíblia*. A *Bíblia* afirma que quem não acredita em Deus vai para o inferno. Como eu não queria que as pessoas fossem condenadas ao fogo eterno, virei missionário. Passei por treinamento nas florestas do México e me formei em linguística. Depois, fui escalado pela igreja para trabalhar na Amazônia, com os piraãs. O governo brasileiro dificultava a entrada de americanos na floresta, e a solução que achei para superar esse obstáculo foi matricular-me no mestrado na Unicamp, em Campinas. Por cinco anos tentei pregar a *Bíblia* na selva. Dois fatores me fizeram desistir da tequização e da fé. Primeiro, o contato

intenso com o mundo acadêmico, que é assimétrico ao dos missionários. Segundo, a relação com os índios. Quando trabalhava com afinco na tradução da *Bíblia* para o piraã, comecei a ter dúvidas sobre o significado daquilo tudo. Os índios me perguntavam coisas como “Você viu Jesus?”. Quando eu disse que não o conhecia pessoalmente, eles chegaram à conclusão óbvia: “Você nunca viu esse Jesus e fala sobre ele”. Bastou aquilo para entender que havia algo de estranho no fato de aquela tribo primitiva ser muito mais exigente do que eu, uma mente do Primeiro Mundo, com a exibição de evidências científicas para embasar afirmações.

**Isso mudou sua vida?** Um dia, um piraã me disse: “Nós gostamos de você, mas sua mensagem nada significa para nós”. Eu passei a me questionar cada vez mais intensamente se não estava tentando impor a eles uma maneira diferente de ver o mundo sem sequer poder lhes dar uma explicação lógica para isso. Em paralelo, comecei a perceber que aqueles ensinamentos não faziam mais sentido para mim mesmo. Em 1984, quando fui trabalhar no MIT, eu já me transformara em um ateu. Nesse tempo, meus serviços como missionário se tornaram uma fachada para o que realmente me interessava, que eram os estudos de linguística. Aos mais tarde, na Inglaterra, onde fui professor da Universidade de Manchester, revelei finalmente à minha esposa que havia perdido a fé. Eu disse a ela que, para mim, Jesus, se existiu mesmo, foi apenas uma pessoa boa, mas não o filho de Deus. Eu me senti livre, dono daquela liberdade de alguém que consegue superar suas crenças e se sente, então, honesto consigo mesmo.

**Isso afetou a relação com sua esposa e seus filhos?** Minha mulher pediu o divórcio e, quando nos separamos, disse que voltaria para mim se eu aceitasse Cristo. Meus filhos ficaram sem falar comigo por muito tempo. Recentemente, eles voltaram a conviver comigo, mas ainda com reservas. ■